

Sob pressão. Itamaraty apoia convocação de uma reunião do Conselho de Direitos Humanos programada para amanhã em Genebra; diplomacia brasileira deve adotar posição mais dura contra regime, como queriam EUA e europeus, mas seguirá contra ação militar

Brasil distancia-se de China e Rússia e reforça pressão contra Síria na ONU

Jamil Chade
CORRESPONDENTE / GENEBRA

O Brasil afastou-se ontem da posição de China e Rússia e deu apoio oficial à convocação de uma reunião de emergência da ONU em Genebra para condenar o regime de Bashar Assad na Síria. No início da semana, uma comissão independente da ONU, liderada pelo brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, apresentou o resultado de uma investigação sobre a violência na Síria e concluiu que o regime sírio cometeu crimes contra a humanidade.

O Itamaraty promete elevar o tom das críticas no encontro, que ocorre amanhã no Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra. Uma resolução apresentada pela UE, à qual o Estado teve acesso, pede que a reunião sirva para aprovar uma condenação generalizada do regime.

A resolução tenta criar condições para que o tema seja alvo de uma nova ação do Conselho de Segurança, em Nova York. O documento, assinado por mais de 20 países, pede que o Conselho atue. Europeus e americanos esperam que isso leve ao endurecimento de posições contra a Síria e a uma nova rodada de sanções.

A resolução pede a entrada de observadores da ONU na Síria para avaliar a situação e frear as mortes. Exige ainda que um investigador permanente acompanhe a situação no país e pede que a ONU “atue para proteger a população”, sem especificar como isso ocorreria.

Apropostam o apoio dos países árabes, de todos os europeus, dos EUA e dos países latino-americanos que fazem parte do Conselho de Direitos Humanos – México, Uruguai e Chile.



AMER HILABI/AFP

Pressão. Chanceler da Síria, Walid Muallem (C), encontra-se com premiê do Catar, Hamad bin Jassim (D)

China e Rússia reforçaram que serão contra a condenação de Assad amanhã em Genebra. Moscou chegou ontem a sugerir a diplomatas de outros países que as conclusões de Pinheiro não passariam de uma manobra para justificar uma ação internacional contra Damasco.

Mesmo fora do Conselho – em razão da rotação entre países da região –, o Brasil optou por aderir ao pedido de convocação da reunião de emergência. Isso não quer dizer que apoiará tudo que está na resolução. Em Genebra, diplomatas brasileiros admitem

que a ordem do Palácio do Planalto é a de elevar o tom de críticas contra a Síria amanhã. O governo brasileiro insiste que é contra uma ação militar e contra o uso das violações de direitos humanos para politizar o debate.

O Brasil defendeu no início do levante que a comunidade internacional não isolasse Damasco, sob o risco de ver a crise se aprofundar. O País absteve-se em votações na ONU que iam nesse sentido. A decisão de Damasco de manter a repressão fez o Brasil optar por um posicionamento mais duro.

Alerta. A Organização da Conferência Islâmica (ÓCI) advertiu o regime de Damasco de que uma reunião ontem na Arábia Saudita seria “a última oportunidade para resolver o conflito” no país. O ultimato foi lançado pelo secretário-geral da organização, Ekmeleddin Ihsanoglu, durante seu discurso de abertura na reunião com os ministros de Relações Exteriores, à qual compareceu o chanceler síria, Walid al-Moualem. Ele viajou à cidade saudita de Jeddah, apesar da proibição de viagens imposta pela Liga Árabe no domingo.

● **Pressão**
A Organização da Cooperação Islâmica pediu à Síria que ponha fim à repressão para evitar uma intervenção.

Matéria